Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI • nº 238 • Uberaba/MG • de 17 a 23 de março de 2003

Especial

Os sabores de Cora Coralina

Poetisa e doceira relatou casos deliciosos de Goiás

págs. 6, 7 e 8

Palestra discutirá jornalismo literário e histórias de vida pág. 5

issuu-downloader.com

Editorial

Lembranças da Poesia

Brasileiro é muito animado. Comemora a vitória do time de futebol, o aniversário, a virada do ano, o carnaval, o resultado das eleições, o fim das aulas, a formatura no colegial ou no 3° grau. Até mesmo Páscoa e batizado viram festa.

No último dia 14 de março, todos nós tínhamos realmente um bom motivo para comemorar. O calendário marcava o Dia da Poesia. Na verdade, ela está presente em todos os momentos, basta saber enxergá-la. No País existem vários talentos capazes de traduzir a poesia da vida para o papel. Poetas nacionalmente conhecidos, pessoas comuns e inúmeros apaixonados produzem trabalhos que proporcionam emoção, conforto, desilusão, incentivo, afeto e descobertas.

No dia 14 de março comemoramos o Dia da Poesia

Nesta edição, em especial, temos a história da vida de uma escritora goiana que enfrentou muitos preconceitos em nome desta arte. Enquanto fazia doces para sobreviver, Cora Coralina declamava as suas poesias para quem quisesse ouvir. E mesmo escrevendo desde dos seus 14 anos, só conseguiu publicar o seu primeiro livro aos 70 anos.

Com maravilhosos exemplos, a data se torna ainda mais importante e não pode passar em branco. Se você não festejou, ainda dá tempo. Escreva uma poesia, leia algo recheado de juras de amor, declame seu poema predileto, faça um brinde à Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, João Cabral de Melo, Vinícius de Moraes e outros grandes poetas brasileiros.

Gincana arrecada alimentos

No último dia 3 de março, o Colégio Jean Christophe comemorou 35 anos! A diretora Célia não poderia deixar esta data tão especial em branco e, por isso, está promovendo uma gincana socio-cultural. A equipe AZUL solicita a colaboração de todos que possam doar gêneros alimentícios que serão entregues à instituição OÁSIS. Para maiores informações contate Morenna Oliveira pelo fone 3333.4199.

Projeto leva MPB ao Mercado Municipal

No dia 23 de março (domingo), das 10h as 11h da manhã, no Mercado Municipal, o Projeto Domingo Musical, da Fundação Cultural de Uberaba, contará com a participação da dupla Joaozinho Bill e Juninho Kid. Os artistas prepararam uma seleção com clássicos da MPB e vão se apresentar gratuitamente.

Oportunidades de estágio no exterior

A Central de Intercâmbio, uma rede de agência de viagens especializada em educação internacional e turismo jovem, divulgou as vagas remanescentes do programa de estágios no exterior IAESTE para quem não se inscreveu no ano passado e ainda quer participar. São oportunidades de estágio em mais de 70 países. Para se inscrever é necessário ter idade de 18 a 28 anos, e ter vínculo universitário.

As principais áreas profissionais dos estágios são cursos técnicos – como arquitetura, engenharia, informática, química e matemática. Os estágios acontecem de julho a dezembro e têm duração de 2 a 6 meses. O salário que o estudante recebe varia de acordo com país e empresa, porém sempre é o suficiente para custear despesas básicas como acomodação, refeições e transporte, conforme exigência do programa. Os países com maior número de posições em aberto são Alemanha e Espanha.

Para maior informações, o interessado pode acessar o site www.ci.com.br

OMBUDSMAN

Uma competição especial

Newton Luís Mamede

No mundo dos negócios, do mercado de trabalho, do exercício profissional liberal, autônomo ou com vínculo empregatício, a competição é uma constante, um sisudo e ferrenho fiscal que a tudo observa e em tudo se intromete para manter o *status* nos respectivos campos de atividade, de emprego, de trabalho enfim, que garanta o sustento da vida, dentro de certos moldes ou padrões. Já dizia o poeta que "viver é lutar". E, sob esse lema, a competição se impõe.

Na linha do esforço para progredir e perseguir sempre o nível de excelência, a competição é útil e sadia, é um aliado e amigo que estimula e incentiva o crescimento e a competência. É ela que anima, que alimenta, que impulsiona a seriedade e a satisfação no trabalho, rumo ao sucesso. E, em nome da competição, promovem-se constantes aperfeiçoamentos e exercícios de treinamento; participa-se de congressos, simpósios e seminários; recicla-se, atualiza-se e moderniza-se; fazem-se cursos de extensão e de pós-graduação. É a perpétua qualificação para garantir a vitória na "luta renhida" que constitui, poeticamente, a vida.

Queremos propor, tão-somente, a competição do professor universitário consigo mesmo

Destacando, no universo do trabalho humano, a fatia do magistério universitário, vamos considerar um caso especial de competição. Não de uma competição deturpada, que, muitas vezes, confunde-se com vaidade ou até com inveja. Nem, ainda, de competição entre pessoas, entre funcionários, entre êmulos que disputam o mesmo espaço. Queremos propor, tão-somente, a competição do professor universitário consigo mesmo. De uma só pessoa, mas entre as duas realidades em que consiste o exercício de seu magistério, na universidade.

Trata-se da competição entre **títulos** e competência. Já escrevemos, há algum tempo, sobre a "importância do título", quando consideramos que *não é a titulação pós-graduada que garante a competência de um professor.* O caso volta à baila, como um alerta constante contra a deturpação que se faz, até mesmo oficialmente, da importância atribuída a títulos e titulações como referência ou, equivocadamente, como "parâmetro" para atestar a competência de um professor universitário.

O primeiro *adversário*, dentro dessa competição *unipessoal*, são os títulos que o professor ostenta. Títulos de doutor ou de mestre. Títulos com apêndices pomposos e imponentes, ao menos foneticamente. "Doutorado em ..." – e *lasca-se* uma fieira de palavras nem sempre inteligíveis, a não ser no restrito âmbito do titulado e de seu curso de pós-graduação. Palavras que "enfeitam" um currículo ou uma identificação em cartão-de-visita, ou, ainda, que provocam reação de "superioridade" e de importância em quem as ouve, embora não as entenda, pois tais palavras apresentam significado hermético ou quase esotérico...

O segundo *adversário* é a competência pessoal do professor para exercer o magistério. Para dar aulas, mesmo. Competência que signifique capacidade para lecionar, para enfrentar uma sala de aula e dominá-la. Não um "dominar" em sentido ditatorial, mas dominar como conhecedor profundo do assunto, como orientador eficiente dos alunos em seus estudos, como organizador de trabalhos, como mantenedor da disciplina, como detentor seguro de uma real didática. Dominar com a competência e a capacidade de quem tem segurança daquilo que faz, e que inspire confiança nos alunos.

E, no final dessa competição, feliz da universidade em que, ao menos na maioria de seus professores, o *adversário* vitorioso for o segundo...

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Educação

A pedagogia do amor como proposta de transformação

Fundação Peirópolis adota Programa de educação em Valores Humanos

fotos: Karla Marília Meneses

Karla Marília Meneses
6º período de Jornalismo

Equipe de educadores desenvolve a cultura da paz.

Na índia, há sessenta anos, num vilarejo, um jovem sentiu que a violência era a principal causa dos malefícios do mundo. Decidiu criar um programa para educar crianças e jovens, didática que se passou a chamar Programa de Educação em Valores Humanos. O jovem Sathya Sai Baba, criador do programa, torna-se conhecido no Ocidente e na pequena vila nasce uma das maiores universidades do mundo. Pessoas de todos os cantos do planeta visitam Sathya Sai Baba e retornam com a semente do programa. Assim foi com o empresário e publicitário Dirceu Borges: conhecendo a Pedagogia do Amor decidiu impalntar o programa na Fundação Peirópolis, consolidando a Educação em Valores Humanos.

A Fundação se localiza em Peirópolis – que em grego significa cidade da sabedoria – onde está o Vale dos Dinossauros, um dos mais importantes sítios paleontológicos da América Latina. É nesse cenário envolvente, com belas reservas naturais, que uma equipe de educadores desenvolve a cultura da paz. O objetivo principal do curso é criar possibilidades práticas de uma postura de vida centrada no amor, verdade e não-violência", afirma Beethoven Luis Teixeira, captador de recursos e consultor da entidade. Fundador do projeto Escola da Terra, programa voltado para o homem do campo que auxilia a lidar com a terra respeitando a natureza, Beethoven Luis garante que a Fundação Peirópolis cumpre a sua missão, criando convênios e parcerias para viabilização dos projetos. " Na Fundação estão instaladas salas de aula, auditório, mostra permanente de Valores Humanos com oitenta painéis, viveiros de mudas e jardim com plantas medicinais. O aluno se envolve nessa bela atmosfera e se encanta mais ainda com o curso", ele garante.

A fundação possui ainda, uma entidade de apoio em Mairinque, São Paulo, batizada de Campus 21.

Beethoven acresecenta que educar com o coração nos parece muito óbvio. " E o óbvio às vezes pode ser genial!", ele ri. De fato. Trabalhando com valores inerentes ao ser humano, que é voltado inclusive para professores do ensino médio e fundamental – desperta a compreensão do indivíduo que somos. O próximo passo é entender como o relacionamento com o outro se reflete em nossas vidas e finalmente entender nossa postura e consciência com o mundo. Essa filosofia se concretiza na Mostra Permanente de Valores Humanos, com painéis didáticos. O chão da sala da exposição possui cinco cores: amarelo representando a ação correta; verde, a verdade; cinza, a não - violência; vermelho, o amor; e azul, a paz.

A Fundação se localiza em Peirópolis – que em grego significa cidade da sabedoria – onde está o Vale dos Dinossauros

Transdisciplinaridade

Atualmente a Fundação Peirópolis é parceira da Unesco na realização de programas transdisciplinares e de cultura da paz. Cursos são realizados durante todo o ano. A Pedagogia do Amor, ao longo do ano letivo, leva professores da fundação a escolas de todo o Brasil. Um outro curso, voltado para empresários e profissionais é o Cultura da Paz, que prevê uma imersão de dez dias no Campus 21. Existe uma gama de cursos para os jovens: Geração Vida que atende adolescentes de seis escolas de Uberaba e a Liderança Jovem, realizado em Peirópolis.

Beethoven Teixeira tem especial "xodó" pelos dinossauros. Homem pioneiro, que sempre esteve à frente na luta para a preservação do sítio paleontológico, conseguiu – aliado com a comunidade local – fechar a mineradora que explorava calcário em Peirópolis. "Graças a todo esse conjunto de iniciativas, estamos elaborando um questionário que será enviado à Unesco, para que a região de Peirópolis seja transformada em área de preservação do Patrimônio da Humanidade", ele garante. Incansável, sempre está engajado em algum projeto cultural. Criador do Circo do Povo, projeto feito em Uberaba, atuante no TEU, teatro da cidade, e realizador de ludotecas para crianças, Beethoven obteve o reconhecimento merecido de quem sempre honestamente cumpriu sua parte como cidadão. Quando pergunto o que tanto o impulsiona para abraçar tantas causas, Beethoven responde entre baforadas no cachimbo: "A própria vontade de viver !"

Curso básico de Educação em Valores Humanos
Público-alvo: educadores do ensino fundamental e médio
Duração: Imersão de 7 dias -
12 a 18/07 Campus 21 Mairinque SP
19 a 26/07 - Campus Semente - Uberaba

Educar com o Coração
Público-alvo: Educadores de ensino fundamental e médio
180 horas anuais
Campus Semente - Uberaba

Curso básico em Valores Humanos
17 a 21/07 - Uberaba

Informações
Fundação Peirópolis
3336 7988/ 3336 2855
www.peiropolis.org.br
secretaria@peiropolis.org.br

issuu-downloader.com

Carnaval

No interior também tem samba no pé

Blocos amadores fizeram a alegria do carnaval nas pequenas cidades de Minas

Miriam Lins Caetano
7º período de Jornalismo

Rio, São Paulo e Salvador. Nomes que no Carnaval, se tornam sinônimo de muito agito. Mas como muitas pessoas não querem ou não podem estar lá, o jeito é improvisar em um lugar que ofereça também animação e alegria. Assim é Carmo do Paranaíba, interior de Minas Gerais, uma pacata cidade de 35 mil habitantes que recebe, nesta época, um total de 4 mil visitantes vindos de todas as partes do Brasil, inclusive, das capitais do Carnaval.

Foi esse o caso de Valfrido Junior e Eduardo Siqueira, de São Paulo, que preferem o calor carmense ao "empurra empurra" das grandes cidades. Para eles, ficar entre gente conhecida, típico de interior, é mais aconchegante, mais gostoso. "Aqui é um carnaval amador, mas a gente se diverte igualmente e ainda leva vantagem porque as pessoas fazem questão da gente e não tem aquela coisa artificial de seguir um ritual na avenida..." garante Junior.

Para muitos, ficar entre gente conhecida, típico de interior, é mais aconchegante

Neste ano, o clube da cidade organizou uma festa de quatro dias, onde os 3 primeiros blocos mais animados e de fantasias mais originais ganhariam 10 caixas de cerveja, cada. Talvez tenha sido esse o incentivo que levou o bloco do Sítio do Pica Pau Amarelo a agregar 250 pessoas entre "emílias" e "viscondes". A festa começava na casa do organizador por volta de 8 horas da noite e de lá os integrantes subiam no trio elétrico que passeava pela cidade toda, cantando e pulando, tendo como destino final o Ponte de Terra Tênis Clube. Não é difícil imaginar que não teve quem ficasse desanimado. O problema mesmo era descobrir onde estava quem, porque as meninas com suas perucas e maquilagem de boneca, e os homens de chapéu e fraque característicos do personagem faziam com que a turma ficasse totalmente homogênea.

Outro bloco que se destacou foi o Vamp, que criativamente bolou o "Carnaval sem Fome". Todos os componentes doaram alimentos e roupas para as crianças da cidade e, é claro, estavam também arrecadando outros donativos nas casas e nos pontos de recolhimento. Este bloco teve uma fantasia mais simples que era composta apenas por uma camiseta com a logo Vamp e bermuda ou saia pretas com estampas de chamas. Esse pessoal também animou bastante.

Em turmas menores estavam outros foliões que se fantasiaram de marinheiros. Essa era a galera dos "quarentões", assíduos todos os anos e não perdem o pique de jeito nenhum. Do outro lado, os havaianos com suas roupas coloridas de flores e folhas, também muito animados.

"Aqui é um carnaval amador, mas a gente se diverte igualmente"

E assim seguiram quatro noites de muita folia, música e confete no salão que quase foi abaixo de tantos pulos, rodadas e tombos no chão que já não se achava seco, não se sabe se era suor ou cerveja. Contando com muitos seguranças em todos os cantos do salão era de se prever que não houve ocorrências de violência. Ao final, o esperado prêmio que sem surpresa ficou com o bloco do Sítio, dos Marinheiros e dos Havaianos.

Findado o Carnaval, as os visitantes retornam às suas cidades e Carmo volta a ser pacata e tranquila, como o próprio nome insinua. Se você ainda não sabe onde passar seu próximo Carnaval, não pense duas vezes. Carmo do Paranaíba pode ser sua resposta.

Miriam Lins Caetano

Foliões "pegam fogo" no Ponte de Terra Tênis Clube

Crônica

Comendo hamburguer no "Salmos"

Lanchonete católica serve carne na quarta-feira de cinzas

Felipe Augusto
3º período de Jornalismo

Por mais incrível que pareça o título, é uma verdade que será descrita a partir de agora. É importante explicar, primeiramente, o que vem a ser Salmos.

Em Congonhas, cidade do interior de Minas Gerais, se encontra a Lanchonete "Salmos Lanches". Como sugere o nome, trata-se de uma lanchonete católica, onde cada um dos hambúrgueres leva um apelido baseado em nomes de apóstolos, profetas e passagens bíblicas, tais como o Coríntios (haburguer, alface, tomate e bacon), Hebreus (esse é grandaço: hamburguer, presunto, queijo, bacon, batata palha, milho e salada), e o mais que exagerado Salmos (gigantaço, tem todos os ingredientes da casa, equivale ao X-tudo). Para se ter uma idéia, esse Salmos é tão grande que, certa vez, a lanchonete fez uma promoção: se o cliente conseguisse comer três Salmos inteiros, não precisava pagar a conta.

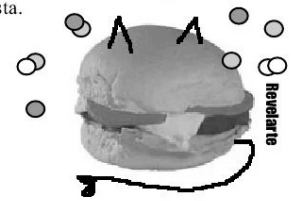
Cada um dos hambúrgueres leva um apelido baseado em nomes de apóstolos, profetas e passagens bíblicas

Passei o carnaval em Congonhas, terra da minha família. E o fato curioso que mereceu essa crônica é que a lanchonete Salmos foi a única da cidade que abriu as portas na Quarta feira de cinzas. E o mais incrível, vendendo hambúrguer como se fosse um dia "normal" para igreja católica!

Congonhas, por ser uma cidade fortemente influenciada pela religião católica, muda completamente a sua rotina. As famílias comem no almoço peixe e ovos, lanchonetes e bares fazem salgados de palmito e bacalhau, isso quando abrem. Mas justo o "Salmos" foi o único da cidade que abriu suas portas para o "pecado". E o que mais se via no estabelecimento eram "pecadores" deliciando com os saborosos e gordurosos frutos proibidos. O cardápio apresenta no verso um lindo salmo, o atendimento do local é muito bom, ambiente agradável, com músicas que fazem apologias a santos e Jesus.

Será isso uma prova de que a sociedade está, a cada dia, perdendo a fé e menos preocupada com tradições religiosas? Será que a religião do capitalismo está ganhando cada vez mais força, ao ponto de as ideologias e religiões serem deixadas de lado, em prol do "Deus capital" e suas diferentes faces?

Mas o importante não é saber se é certo ou errado comer carne na quarta-feira de cinzas, ou se os funcionários do "Salmos lanches" são culpados ou não por tal "heresia". O interesse é somente relatar a ironia e notar que, para muitos, as orações foram trocadas pelos prazeres da carne. De qualquer forma, na hora da fome, comer um "Hebreus" foi uma boa pedida.



Revelarte

issuu-downloader.com

Comunicação

Palestras discutem jornalismo literário

Livro do jornalista Sérgio Vilas Boas discute a biografia e seus encantos

Alessandra Mendonça
7º período de Jornalismo

O Instituto de Humanidades da Universidade de Uberaba preparou uma programação exclusiva para o lançamento do livro *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*, do jornalista Sergio Vilas Boas, na próxima quinta-feira, dia 20. A partir das 19 horas, no anfiteatro da Biblioteca do Campus II, serão proferidas duas palestras. A primeira, sobre "Jornalismo Literário e Histórias de Vida na Uniube", será feita pelo professor e diretor do curso de Comunicação Social, Edvaldo Pereira Lima; e a segunda, "Biografias e seus encantos", feita pelo escritor e jornalista Sérgio Vilas Boas.

Para o dicionário Aurélio, biografia é a descrição ou a história da vida de uma pessoa. Mas para o jornalista e escritor Sérgio Vilas Boas o significado do ato de biografar vai muito além de apenas relatar a história de vida de alguém. Para ele a biografia é um texto híbrido. "Ela envolve conhecimentos de história, sociologia, psicologia, jornalismo e literatura, principalmente. Pode-se dizer que ela é um produto das ciências como um todo", diz.

Pioneiro em sua abordagem, este livro mostrar os problemas que os biógrafos enfrentam em sua trajetória, da pesquisa à publicação, resgatando, dessa forma, a biografia como valioso campo de estudo. Esta obra é fruto de uma tese de mestrado na qual o jornalista demonstra o por quê a biografia exige tempo disponível para um aprofundamento na vida do personagem. É um livro que dá dicas, levanta questões e aborda as variações do tema, como os perfis.

Logo após as palestras haverá a apresentação e sessão de autógrafos do livro "Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens", no qual Sérgio Vilas Boas analisa três biografias que tomaram posto, ao mesmo tempo, na lista de livros mais vendidos na década de 90: Mauá, de Jorge Caldeira, Chatô – O Rei do Brasil, de Fernando Moraes, e A Estrela Solitária, de Rui Castro. O escritor aproveita o fenômeno dos três títulos mais vendidos nos anos 90 e escritos por jornalistas brasileiros, para estudá-los.

Além de "Biografias e Biógrafos", Sérgio Vilas Boas já lançou outros dois livros: "Estilo Magazine", que mostra os métodos para escrever para revista e o mais famoso "Os estrangeiros do Trem N" vencedor do prêmio Jabuti de 1998, que conta histórias de brasileiros que deixaram famílias, empregos e amigos para trás para tentar a vida nos Estados Unidos.

divulgação

Palestra será no dia 20 (quinta-feira), as 19hs, no anfiteatro da Biblioteca Central da Uniube, no Campus II

"Biografia envolve conhecimentos de história, sociologia, psicologia, jornalismo e literatura, principalmente"

issuu-downloader.com

Poesia

O coração vermelho de Goiás

Cora Coralina foi a escritora que mais bem retratou as histórias do estado

Alessandra Goiaz Mendonça
7º período de Jornalismo

Uma senhora pequena de cabelos grisalhos passava os dias diante de um fogão a lenha. Enquanto mexia com uma grande colher de pau uma cheirosa mistura, que no final se transformaria em deliciosos doces cristalizados, recitava poemas que ela mesma criava. Os doces eram feitos através de receitas típicas do interior do estado de Goiás. Mais precisamente, receitas feitas pela dona de uma famosa casa que fica ao atravessar a ponte do Rio Vermelho, que corta a velha cidade de Goiás.

Esta senhora era Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas ou simplesmente Cora Coralina, como era e é conhecida até hoje, não só no seu estado natal, como em quase todo o país. Nasceu e cresceu na velha casa da ponte, construção maciça, erguida por escravos, nos idos de 1770 para abrigar o capitão-mor de Villa Boa de Goyaz, Antônio Souza Telles de Menezes. Conta-se que o capitão foi um inconfidente, desgarrado da turma de Minas Gerais e perdido no interior de Goiás. Após o seu falecimento, em 1804, entre todos os seus bens sequestrados pela Coroa portuguesa, estava a casa, comprada em leilão pelo cônego Couto Guimarães. Meio século depois, no dia 20 de agosto de 1889, naquela mesma casa, já com tantas histórias, Ana foi gerada.

Cora Aliava o aspecto oral, regional e rural à tradição da poesia popular de seu tempo

Mesmo sendo de família nobre, filha do desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e Jacinta Luiza do Couto Brandão Peixoto, cresceu junto às dificuldades financeiras, pois o pai, o alicerce da família, morreu logo depois que Ana nasceu e deixou uma casa no qual residiam, somente, mulheres. Não tinha descendentes homens.

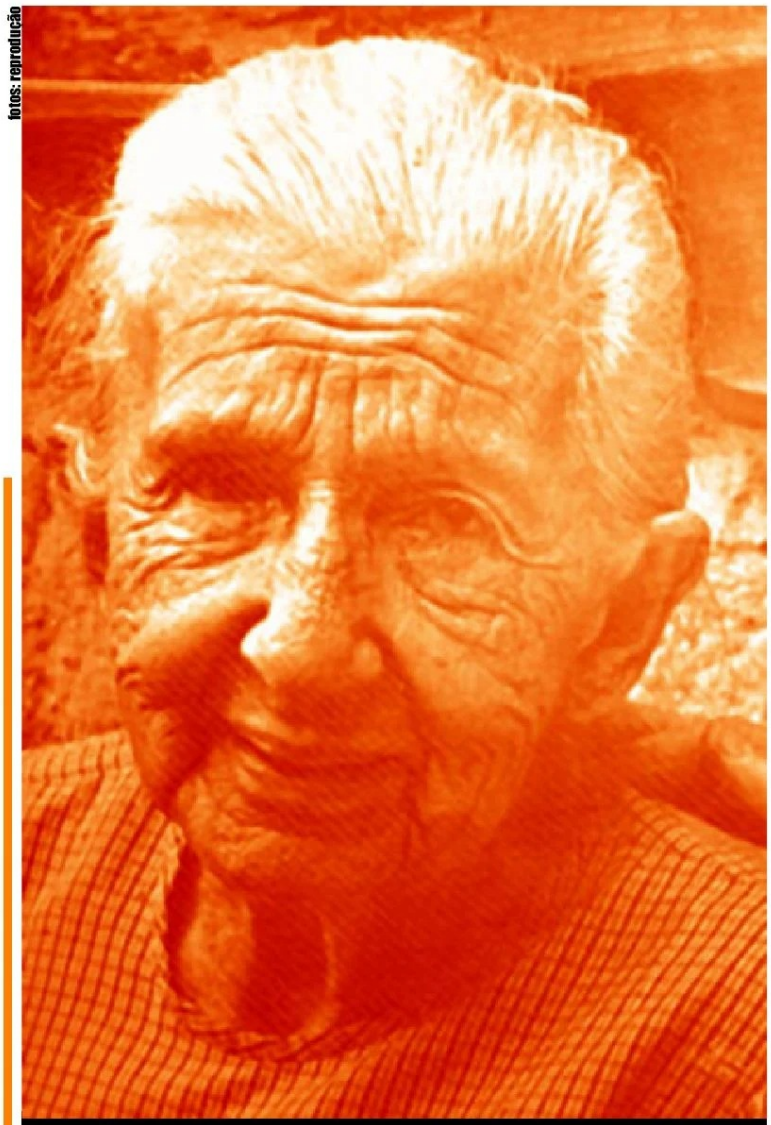
Em meio aos afazeres domésticos, a pequena Ana brincava com coquilhos de palmeira, caquinhos de louça e bonecas de pano. Mas ao mesmo tempo, mantinha um hábito não muito comum praticado pelas donzelas do seu tempo, o hábito de ler. Lia tudo o que podia, e graças a sua mestra Silvina, quem lhe ensinou as primeiras letras, escreveu, em 1910, seu primeiro conto *Tragédia na roça* que foi publicado no Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás. Daí em diante, não parou mais.

Devido ao nome da padroeira da cidade, Nossa Senhora de Santana, a maioria das crianças do sexo feminino que nasciam eram batizadas com o nome da santa. Com a filha do casal Francisco e Jacinta não seria diferente. Ana Lins também era um símbolo da devoção de seus pais.

Logo que começou a publicar, os leitores começaram a confundir a autora dos contos com as várias outras Anas existentes na cidade. Foi neste período que Ana Lins resolveu mudar o seu nome de batismo para um pseudônimo e o escolhido foi Cora. Nos tempos que morou em São Paulo, ela assinava os seus textos como Cora Bretas, nome de casada. 45 anos depois, quando ela retornaria à Goiás, resolveu mudar totalmente o seu nome para Cora Coralina. "Eu não queria ser xará. Cora vem de coração, e coralina é a cor vermelha", disse a escritora, para explicar a escolha de seu pseudônimo. "Lindo, não é", se entusiasmava.

Logo que começou a escrever, adquiriu a sua própria característica para a escrita. Dizia não conseguir fazer os versos na métrica. Seus versos, de grande simplicidade, não seguiam nenhuma estrutura rígida, usava as rimas e os ritmos de forma irregular. Tinha uma forma individual para escrever. Pregava o verso livre e a liberdade da escrita. Aliava o aspecto oral, regional e rural à tradição da poesia popular de seu tempo. Rememorava na sua lírica ingênua e sentimental o passado histórico de Goiás Velho, antiga capital do estado. "A sua obra representa o testemunho, ao ler a sua obra, você tem o testemunho da história e da sociedade brasileira do século passado. Você consegue resgatar todos estes traços na oralidade dos costumes", explica Clóvis Carvalho Britto que trabalha há cinco anos no Museu Casa de Cora Coralina e se diz estudioso dos textos da escritora.

fotos: reprodução



Creio na salvação dos abandonados e na regeneração dos encarcerados, pela exaltação e dignidade do trabalho"
(trecho do poesia "Eu creio")

Por ser morador da cidade de Goiás desde criança, Clóvis cresceu lendo as obras de Cora Coralina, e sempre teve contato com as pessoas que conviveram com ela. Os funcionários do museu eram seus amigos e por este motivo, ele sempre ia visitá-los. Mas ele não ia só pelas pessoas que lá trabalhavam, na verdade, o mundo da literatura o fascinava. Trabalhava de graça, como guia, só para poder ficar mais próximo do que um dia pertenceu a escritora. Hoje, depois de cinco anos convivendo com as memórias da poetisa, se mantém entusiasmado como se cada dia que começasse fosse o seu primeiro como divulgador da história de Cora Coralina.

Mesmo não tendo feito nenhuma especialização, o jovem entende perfeitamente as estruturas literárias que a poetisa usava."Sempre gostei de literatura brasileira, e o gênero da Cora tanto na poesia, quanto na prosa, olham o aspecto social. É a sua característica".

Segundo o funcionário do museu, a escritora não seguia nenhuma corrente literária, a sua corrente era independente. Este foi um dos motivos pelo qual a escritora foi convidada à participar da Semana da Arte Moderna junto

issuu-downloader.com

com Monteiro Lobato em 1922, um convite que ela recusou. Coincidentemente, na época que a poetisa residia em São Paulo, o escritor morava a duas quadras de sua casa, o que permitia que as filhas de Cora fossem amigas das filhas de Monteiro.

Coragem para fugir

Bem antes de ser convidada à participar da Semana da Arte Moderna, Cora fez o que todas as moças daquele tempo eram criadas para fazer: casar. Só que ela fez de uma forma diferente. Com 20 anos e considerada velha para arranjar marido, a pequena escritora conheceu Cantídio Tolentino Bretas, um recém-nomeado chefe de Polícia de Villa Boa, durante uma assembléia literária. Entre poemas, récitas e acirrados debates culturais, se apaixonaram. E em meio a muita coragem, fugiu com ele para Jaboticabal, interior de São Paulo.

22 anos mais velho, Cantídio era um homem separado, tinha filhos na capital paulista e uma outra filha, fruto do romance com uma índia, durante passagem pelo Norte de Goiás. Essa, Cora criou.

Conhecendo Cantídio, Cora viu a esperança de poder ser escritora sem os preconceitos dos familiares, que para ela, era pior que os preconceitos da sociedade. Ela achava que o seu novo amor, por ser de cidade grande, poderia ter sua mente mais aberta quanto às evoluções da mulher. Se enganou a pobre moça. O marido, que se apresentou como sendo liberal, demonstrou ser tão preconceituoso quanto qualquer pessoa ignorante que vivia naquele Goiás Velho.

Cantídio nada gostava do pendor da mulher e, também, não gostava da idéia dela publicar os seus textos. Mas para Cora, aquele era mais um obstáculo que iria ultrapassar. Ousada, deixou para trás todos os preconceitos sociais, e mesmo contra a vontade do marido, publicou artigos nos jornais de Jaboticabal. Quando se mudou para a capital paulista, continuou escrevendo suas poesias e contos. Lá, ela dividia o tempo entre a sua vida doméstica e a sua vida de escritora.

A antiga Ana e atual Cora era uma mulher lutadora, estava sempre procurando o progresso e acompanhando as mudanças. Tanto que se alistou como enfermeira na Revolução Constitucionalista de 1932. A sua filha mais nova, Vicência, encontrou a ficha de inscrição recentemente, perdida entre centenas de textos inéditos.

Durante a revolução, a escritora costurava bibicos (bonés) para soldados, uniformes e aventais para enfermeiras. Na suas horas vagas, convocava mulheres para que fossem às ruas para lutarem por seus direitos de cidadãs. Depois que os revoltosos foram derrotados pelas Forças de Getúlio Vargas, Cora ainda lutou pela formação de um partido feminino, escrevendo até o manifesto da agremiação. "Ela foi uma mulher muito avançada para o seu tempo. E se hoje ela estivesse aqui presente entre nós, eu tenho certeza que ela estaria participando das mudanças do país", ressalta a professora e presidente da Associação Casa de Cora Coralina, Marlene Vellascos.

Quando Cantídio morreu, a escritora se viu responsável, pela vida sua e de seus filhos. Como as ocupações se resumiam aos trabalhos domésticos e à vida política, Cora resolveu trabalhar. Começou trabalhando com o que mais se identificava, os livros. Mas não era desta vez que ela escreveria o seu próprio, ela vendia livros editados pela José Olympio de porta em porta.

Mudou-se para Penápolis, no interior paulista e montou uma pensão, e em seguida, um pequeno comércio, a Casa de Retalhos. Com o espírito aventureiro que tinha, foi tentar a vida em Andradina, no início da década de 50. A cidade naquela época, estava crescendo. Lá, abriu a Casa da Borboleta, local onde era vendido um pouco de tudo para mulheres. Cora tinha o dom de fazer com que até os nomes dos seus comércios soassem poesia. Eles tinham nomes suaves, principalmente, para chamar a atenção do seu público alvo: as mulheres.

Além da escrita, o trabalho de doceira tomava praticamente todo o seu tempo

O período que a escritora permaneceu em São Paulo ainda é um pouco vago para os historiadores. Não há muitos documentos desta época, portanto, esta é uma parte da história que está sendo investigada.

45 dias para ir, 45 anos para voltar

Mesmo estando longe da sua terra natal, o coração vermelho de Cora Coralina ainda batia por Goiás. Tanto que em 1956, já com os seus filhos criados, seus netos encaminhados e 45 anos mais velha, Ana Lins voltou à sua origem ancestral. Durante todos os anos que esteve fora do Estado, Cora nunca voltou, nem mesmo quando recebeu um telegrama de sua irmã a informando que sua mãe havia morrido.

Quando retornou, ela tinha um único objetivo: lutar pela posse da velha casa da ponte antes que, por usucapião, se transferisse para um sobrinho. Conseguiu.

Naquela velha casa ela iria iniciar uma nova fase de sua vida, a de doceira respeitada e a de escritora engajada nas causas sociais. Na época da sua volta, Cora fez poemas dedicados ao menor abandonado, às lavadeiras, aos presidiários e até mesmo às prostitutas, que eram tão discriminadas, mas por serem mulheres, a escritora às tratava igual a qualquer outra pessoa, com respeito. Ela queria levar à eles, através de seus escritos, palavras de amor e compreensão.

Quanto às crianças de rua ela dedicou muito mais do que um simples poema, criou escolas profissionalizantes para que pudessem ter condições de superar todas as dificuldades. Só através da escola eles poderiam estar livres da marginalidade.

Além da escrita, o trabalho de doceira tomava praticamente todo o seu tempo. Em frente ao grande fogão de lenha, ela passava o dia cozinhando em tachos de cobre. Fazia doces cristalizados para vender, aliás, ela foi a primeira mulher a comercializar as delícias e torná-las fonte de renda. A matéria-prima, as frutas, era e é encontrada, até hoje, no quintal de sua casa.

Caminhando entre as árvores, percebe-se o delicioso cheiro das frutas que estão amadurecendo. O jardineiro Geraldo cuida daquele jardim como se fosse a sua vida. Na primavera as plantas ficam mais bonitas, cheias de flores de todas as cores. No meio delas há pequenas placas com frases da dona da casa, como se estivesse caracterizando cada ser vivo que ali nascem.

Além de sentir o aroma que exala dos mamoeiros das pitangueiras, ouve-se o relaxante barulho da água que cai de uma bica que se localiza próximo à escada que dá acesso ao quintal. Não é por menos que Cora se inspirava enquanto colhia o material do seu trabalho.

Os doces feitos com frutas frescas necessitavam de uma atenção muito especial. Eram dias e dias para ficarem no ponto e depois caprichosamente arrumados em caixas de papelão. A sua gratidão ao seu próprio trabalho e às pessoas que a ajudava foi demonstrado quando ela decretou o dia 20 de agosto, a data do seu aniversário, como sendo o Dia do Vizinho e o Dia do Cozinheiro. "Uma forma de agradecer as pessoas que moravam próximos a casa dela e a ajudava, pois já estava velha e morava sozinha, e uma forma de homenagear todas as pessoas que como ela sobrevivem graças ao trabalho de cozinhar", explica Clóvis.

Enquanto, Cora misturava todos os ingredientes, ia pensando e formando em sua cabeça um poema, dois ou até mais. Dependia da sua inspiração. Quando parava de cozinhar ia correndo ao encontro de qualquer pedaço de papel, poderia ser em bordas de jornais, em meio a cartões postais, envelopes de cartas, em rústicos papéis de embrulhar pão. Se tivesse tempo, passava a limpo, em cadernos caprichados ou em blocos de carta. Caso contrário, ficavam por ali esquecidos em meio a livros, recortes, folhetos.

Cada pessoa que ia comprar ou encomendar os doces ganhava de brinde uma poesia recitada pela própria poetisa. Um dos seus mais ilustres compradores foi Jorge Amado. Quando ele foi à Goiás, fez uma visita muito especial a escritora com direito à encomendas de doces que só ela sabia fazer. Mesmo os quilômetros de distância não acabou com a amizade dos dois, sempre que podiam, eles mantinham contatos através de correspondências.

continua

issuu-downloader.com

Especial

Facilidade de cozinhar era a mesma que recitar

Enquanto fazia os doces, a escritora goiana declamava seus poemas para os compradores

reprodução

Casa onde Cora morou durante sua infância e velhice. Hoje é um famoso museu na cidade de Goiás

Cora atraía as pessoas pelos cinco sentidos, olfato, visão, tato, paladar e audição. Os cheiros dos doces eram convites a entrar na sua casa. Ao vê-los sendo feitos e depois prontos era uma tentação, a sua consistência fazia com que as mãos não tivessem outra alternativa a não ser levá-los à boca para que os doces cristalizados fossem degustados. Para finalizar, além de experimentar uma deliciosa guloseima da cozinha goiana, a pessoa era presenteada pelos versos que eram recitados pela cozinheira-escritora. " Cheguei à adolescência ouvindo-a declamar, com cativante êxtase, poemas recém-terminados. Acreditei em histórias inventadas e me empanturrei dos seus doces caprichosamente feitos", relembra a sua neta Ana Maria Tahan em um texto escrito por ela para o Jornal do Brasil.

Entre o calor do fogão de lenha e a velha mobília, Cora escrevia, escrevia sem parar. Tudo que tinha vontade, passava para o papel, sem censura. Até então, nunca havia escrito um livro, as sua únicas publicações eram em jornais do Estado.

Tradições e festas religiosas, a comida típica da região, as famílias e seus 'causos' tudo motivava a escritora fazer uma ponte entre o passado e o presente da cidade, numa tentativa de registrar sua história e entender as mudanças. Nas suas próprias palavras: "rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo ao raso".

Aos 70 anos, resolveu aprender a datilografar. E conseguiu! Daí, até lançar o seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, foi um pulo. Este apresenta poemas próximos da prosa, um modo diferente de contar velhas histórias, como ela mesma dizia. É um livro dedicado ao aspecto social que ela observava e desejava retratar, através de sua forma diferente de fazer seus poemas.

Depois do primeiro, Cora escreveu vários outros como um livro de cordel, literatura infanto-juvenil, livros de contos e casos goianos e literatura infantil, além de um livro de receitas. Com estas publicações, recebeu vários prêmios, inclusive, mesmo não tendo recebido educação universitária, obteve o título de doutora honoris causa da Universidade Federal de Goiás, quando publicou *O cântico da volta* em 1956, um conjunto de crônicas em estilo atual e poético. Entretanto, mesmo publicando livros, ela nunca deixou de escrever para os jornais do Estado de Goiás.

Cora escreveu cordel, literatura infanto-juvenil, contos e casos goianos e literatura infantil, além de um livro de receitas

Através de seus livros, ela ficou conhecida pelo meio intelectual. Carlos Drummond de Andrade era um de seus maiores fãs. "Cora Coralina, para mim é a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares e os homens ricos e influentes do Estado", escreveu o poeta em um texto chamado *Cora Coralina, de Goiás* publicado no Jornal do Brasil.

Em meio a tantos textos publicados e tantas pessoas conhecidas, Cora cresceu como escritora. Em meio a tantas obras feitas e tantas pessoas ajudadas, Cora envelheceu. No dia 10 de abril de 1985, na cidade de Goiânia, não só Goiás como o Brasil, perdeu uma de suas maiores escritoras e humanista.

"Cora Coralina, para mim é a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares e os homens ricos e influentes do Estado"

Carlos Drummond de Andrade

Deixou, não só para os goianos como para todos oa brasileiros, uma herança: os seus textos. Os publicados e os que ainda iriam ser. Sua casa se transformou em museu, e todos os espaços do ambiente estão impregnados com a sua presença.

Hoje a velha casa da ponte está toda reformada, devido a enchete que aconteceu no início do ano deixando boa parte da cidade de Goiás destruída. Com pinturas novas, movéis e relíquias restaurados o ponto turístico da patrimônio da humanidade recebe, todos os dias, visitantes de vários lugares do Brasil querendo saber e entender a vida de uma das escritoras mais conhecidas do país. "Quando há congresso em Goiânia, os congressistas fazem questão de virem aqui na Casa de Cora. Eles falam que vir a Goiás e não ir à Casa de Cora é o mesmo que não ter vindo", diz Clóvis Britto. É a comprovação da importância da figura da escritora para a cidade e para o Estado.

Cora, Aninha, Anica, Anita, era todas numa só, pequenina, franzina, eternamente atarefada, permanentemente escritora. Erram os que tentam reduzí-la à condição de poeta ou poetisa. Era contista, cronista de tempos passados e presentes. Jornalista, observadora distante e crítica, fiel redatora de fatos e acontecimentos. Era tudo englobado em uma só pessoa, em uma só cabeça, em uma só goiana. **(A.M.)**

Alessandra Mendonça

A professora Marlene Vellascos é presidente da Associação Casa de Cora Coralina

issuu-downloader.com

Especial

Vida é a matéria-prima dos poetas

Poesia registra sensibilidade da vida

Artistas pintando nas montanhas brancas - Óleo de Winslow Homer (reprodução)

Cícera Gonçalves
7° período de Jornalismo

No dia 14 de março é comemorado o dia da poesia. Este dia não poderia passar em branco, mesmo porque a nossa cultura é vasta, cheia de histórias para contar , serem lembradas e vivenciadas. Várias pessoas ainda gostam de poesia, ela seria uma forma de expressar os sentimentos, se encontrar dentro do novo, da felicidade, do sonho, o querer, o possível e impossível. Ampliar os horizontes de forma que a poesia possa levar para o leitor boas recordações, como por exemplo lembrar daquele dia de céu claro, que parecia ser só o seu dia, sorrisos é o que não faltava, e o que você planejava era mandar um bilhetinho com uma poesia de Álvares de Azevedo para o seu primeiro amor.

Quantas poesias, os poetas fizeram expressando o que sentiam, tanto nos momentos de dor e desilusão quanto nos momentos de alegria. Poesias essas que não se perderam no tempo. Se pegarmos um livro de poesias e tentarmos analisar, veremos que aqueles homens e mulheres do passado __ e que podemos chamar de grandes poetas__ fizeram com grande entusiasmo e amor a arte, explorando coisas que só eles sentiam.

Os principais poetas brasileiros ou grandes poetas, deixaram sensibilidades expostas nas poesias, tentando passar para uma pequena folha o que realmente sentiam, aconteciam no dia a dia e que transformaram-se em grandes livros. Podemos falar que a poesia é tudo o que nos cerca, é cada acontecimento, é o pôr-do-sol, a folha que cai, o amigo que está magoado, as pessoas que pedem por paz, e tudo que acontece e pode se tornar em uma poesia. No entanto enquanto existir o mundo, existirá a poesia.

Castro Alves expressa sua indignação contra as tiranias e opressões

Poetas brasileiros

Os principais poetas brasileiros e que nunca serão esquecidos estão com suas poesias nas bibliotecas e nos livros das escolas, são eles:Castro Alves, Mário Quintana, Olavo Bilac, Carlos Drumond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, entre outros.

Olavo Bilac escreveu sobre quadros da Antiguidade, fatos da hitória brasileira e expressou seu mundo interior através da poesia lírica amorosa e pessoal. Uma das suas poesias são: *Os Rios, Pássaro Cativo, Língua Portuguêsa, Fogo-fátuo e Velhas Árvores.*

Nas poesias de Mário Quintana há um constante travo de pessimismo e muito de ternura por um mundo que, parece, lhe é adverso. Em 1962 reuniram-se suas obras em um único volume, sob o título de poesias. Suas principais poesias são: *A Ruia dos Cataventos _ que são I e XII_ , Canção de Barco e de Olvido, Obsessão do Mar oceano, O auto retrato e o Mapa.*

Já as poesias de Castro Alves, mostram a compreensão dos grandes problemas sociais e expressam sua indignação contra as tiranias e opressões. Mostrou também a confiança no progresso e na técnica. Algumas poesias: *Dedicatória, O laço de fita, Mocidade e Morte, quem dá aos pobres, empresta a Deus, A uma taça feita de crânio humano e Amemos Dama Negra.*

Álvares de Azevedo cultivou o tema da morte e do escapismo, quase sempre expressos num tom triste e amargurado

O poeta Álvares de Azevedo é considerado o melhor poeta desta geração, e maior representante da poesia byroniana. Seus poemas expressam uma concepção de amor que ora idealiza a mulher, identificando-a envolvida por um grande erotismo e sensualidade. Cultivou também o tema da morte e do escapismo, quase sempre expressos num tom triste e amargurado. E suas poesias constituem o melhor exemplo do ultra-romantismo brasileiro.

Sentimento

Poetas brasileiros, entre outros, ficaram e sempre tornaram vivos na memória e na história de milhares de brasileiros. O poeta dá ritmo a poesia, dita uma forma, e traduz para seus versos, cria a poesia da poesia. Bom! E o que desperta o sentimento do poeta seria algo sempre novo, acordar, sonhar, viver e ser capaz de levar para os leitores, carinho e emoção diante das poesias criadas a partir do momento em que se tornaram capazes de enxergar de forma profunda o que acontece ao seu redor.

issuu-downloader.com

Crônica

Percival de Souza e Jô Soares

Fernando Machado
6º período de Jornalismo

Assisti, no programa de Jô Soares, à entrevista de dois blocos com o jornalista investigativo Percival de Souza, que escreveu um livro sobre o assassinato de Tim Lopes. O senhor Percival disse em certo momento que jornalistas investigativos como ele e como Tim Lopes precisam se manter anônimos para poder trabalhar. Deu o exemplo de que se for a uma festinha, um bom jornalista investigativo deverá tomar a precaução de não se deixar fotografar. Ora, se o senhor Percival quisesse realmente se manter anônimo, mais do que tratar de se camuflar atrás de um bolo de aniversário, ele não teria ido a um dos programas de maior audiência do país.

O que o senhor Percival e a grande mídia vêm tentando fazer é transformar Tim Lopes em mártir

A extensão de dois blocos da entrevista é coisa rara no *Programa do Jô*. Certamente vai fazer com que a edição do livro se esgote, como já disse, com propriedade, o gordo apresentador diversas vezes em seu programa sobre o efeito das entrevistas na vendagem dos livros. Mas o motivo da extensão extraordinária da entrevista foi enfatizar um dos elementos do lead jornalístico: o "como".

Mais do que o "o quê". Sabedores de que não há nada que venda mais do que sangue e violência, o entrevistado teve tempo para detalhar (e inventar) como Tim Lopes foi morto pelos bandidos. E Jô Soares fingia estar sofrendo amargamente ao ouvir a riqueza de detalhes cruéis para, em seguida, continuar pedindo que contasse mais. Se o senhor Percival fosse o amigo que ele dizia ser do jornalista barbaramente assassinado, teria poupado o Brasil e a família do morto de tantos detalhes horrendos.

O impacto dos detalhes foi amortecido pela imaginação do jornalista. Explico: muitas coisas descritas por ele estão mais para ficção do que para jornalismo comprometido com a realidade. Jô Soares chegou a lhe questionar as fontes, mas desistiu ao ver o entrevistado gaguejando e ao perceber que a veracidade poderia atrapalhar a digestão do público.

O que o senhor Percival e a grande mídia vêm tentando fazer é transformar Tim Lopes em mártir. Porém, ser esquartejado não faz de ninguém um Tiradentes. O jornalista da Globo, infelizmente, morreu tentando mostrar uma coisa que todo mundo estava careca de saber.

reprodução

Jornalista Tim Lopes foi assassinado por traficantes no Rio de Janeiro

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

Final de tarde

Mariana Costa
2º ano de Letras

reprodução

Às vezes é muito importante abrir o coração em qualquer folha de papel com palavras mal desenhadas em linhas mal traçadas, é como se dar ao raro prazer de compreender o que as demais pessoas não compreendem, achar a resolução daquele maldito problema matemático que fora o responsável pela sua repetência na oitava série ou ainda o caso misterioso escrito por algum autor maluco que somente agora você consegue desvendar, mas que a anos passados foi a sua questão perdida de vestibular.

Chegar aos 70 anos. Eu aos 20, jamais acreditei que iria chegar aos 70 anos, já não posso me apegar às pequenas "coisas" da vida, já não sou uma parte integrante desse vazio mundo, sei que sou diferente, sou o passado e assim como todo passado sou desprezada por uma grande parcela. Talvez a minha vida desse um livro, mas hoje dará uma folha, curta ou longa, depende que quem irá ler, isto é, se alguém resolver a ler. Nessa minha idade, as descobertas são muitas e semelhantes a um final de tarde onde os poetas deliram com o por do sol e espera ansiosamente a lua apaixonada.

Descobri a beleza da manhã, do nascer do dia, de acordar cedo e ser seduzida pelo sol e seus raios matutinos que por serem doces é o melhor carinho que se possa receber, os jovens desconhecem a maior parte dos prazeres naturais, é triste, acreditam que somente a beleza física e o dinheiro são verdadeiros valores. Não meus netos, o verdadeiro valor está no amor, na paixão, no nascimento de uma criança que chora porque o ar lhe entra queimando os pulmões e dorme no aconchego do calor do seio materno, é acreditar que cada minuto é único, é fazer tudo ao mesmo tempo e sentir as lagrimas escorrer pelos olhos já arrebentadas no coração por alegrias ou sofrimentos, desejar o que não se pode ter e ter tudo que se desejou e acima de tudo escutar.

Sou uma feminista parcial, fui traída por um vagabundo que carrego aqui dentro chamado coração

Em criança eu escutava as missas em latim, entediada e infeliz eram as minhas horas dentro da igreja, meu irmão foi seminarista, mas eu era rebelde e fugia das rezas, das madres e das ideologias. Fui a moça mais rebelde que existiu e por isso sofri e fui feliz, andava de mãos dadas com os rapazes que me flertavam e tive a ousadia de beijar de leve os lábios de um deles no baile, gostava de sentir o perfume do homem, gostava dos abraços... mas o beijo...quando meus lábios pintados de carmim tocaram os lábios rudes do rapaz, senti por um minuto que minha alma havia abandonado meu corpo. Sempre me entreguei às sensações, me lembro que cheguei a apanhar de mamãe por esse motivo, mas e daí? Somente os insensíveis não se entregam a elas, é pra cada acontecimento de minha história eu marquei com uma sensação e um determinado aroma, quando pari - e todas as mulheres parem porque essa fábula de dar a luz é trocar seis por meia dúzia - senti o meu pobre corpo se partir em dois e ter cheiro de sangue, depois vi a outra parte do meu corpo chorar e eu também chorei. Essa capa, a qual damos o nome de corpo, a minha já se encontra bem marcada por rugas, em verdade eu deixei que a velhice chegasse e se acostasse em mim, nunca me envergonhei dos meus sinais, a juventude são como os peixes de um lago, efêmera, em meu rosto brotaram os sinais, assim como as flores persistem em brotar nos galhos secos.

Sou uma feminista parcial, fui traída por um vagabundo que carrego aqui dentro chamado coração. Não quero reviver nada e também não quero mudar nada do que eu fui, sempre busquei a felicidade e de alguma maneira eu a encontrei. Quando criança tinha medo, medo de cachorro, do escuro, de homens sérios e de mulheres pintadas, medo de pessoas velhas e de perder papai. Uma tarde me tornei uma mulher pintada e me casei com um homem sério, tive muitos cachorros, perdi papai e envelheci. Agora por que teria eu medo do escuro? Ele vai chegar, junto com a noite, mas a lua vem e eu adoro olhar a lua, eu vou perder, mas também irei ganhar.

De nada vale a experiência, porque ela só nos chega quando já não, mas precisamos dela

Solidão é a palavra que mais acompanha aos velhos, o mundo que há não se parece comigo, eu me assemelho a outros, conhecer é uma parcela de valentia, a outra é não julgar. Aceitar que a alma sangre e que o sal cure, que somos o mal e o bem, filhos de Deus e do nada e por tudo isso viver e ser feliz. Acreditar na paixão quando se tem 15 anos, no amor eterno com 18, no desejo com 25, na reconquista com 32, na amizade conjugal aos 50 e nas pessoas amadas aos 68.

De nada vale a experiência, porque ela só nos chega quando já não, mas precisamos dela, é como ganhar um frasco de Chanel nº 5, se você não tem alfato nenhum, apenas usá-la de consolo e se acreditar um pouco melhor hoje do que ontem e pior do que amanhã, é inútil tanta experiência, melhor seria errar tudo novamente e chegar aos 70 anos acreditando que aos 20, você já era experiente o suficiente para ser feliz.

issuu-downloader.com

Cultura

Patrimônio de Uberaba

Arquitetura preserva a memória da cidade

Vila Mariana, na rua Vigário Silva, é exemplo do exuberante patrimônio cultural da cidade. Parabéns à proprietária Estela Terra Cecílio pela preservação de um documento de nossa história

Criação: André Azevedo / Foto: Leonardo Boloni

issuu-downloader.com